INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE BIOLOGIA: A CONCEPÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.

Bruna Angelina Mayer (UEPG), Viviane Terezinha Koga (Orientadora), e-mail: vivianekoga@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/ Departamento de Biologia Geral.

Educação. Ensino-Aprendizagem

Palavras-chave: ensino religioso, biologia, alunos, escola.

Resumo

Este artigo busca investigar a influência da religião no processo de ensino e aprendizagem de Biologia, a partir da concepção de 79 alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Para tanto foi aplicado questionário em três escolas estaduais localizadas no município de Palmeira/PR. Dentre os resultados verificamos que a maioria dos alunos já teve a disciplina de ensino religioso e afirma ter crença, sendo a religião católica a mais frequente. Os alunos afirmam que a religião não influencia no processo de ensino e aprendizagem de biologia, mas ficam em dúvida ou se questionam em relação a temas como a criação do universo, origem da vida e evolução. Destaca-se ainda que parece haver uma diferença significativa entre as três escolas investigadas no que se refere a presença de momentos religiosos.

Introdução

Ao falar em religião somos remetidos aos dados do Datafolha (2013), onde 57% dos brasileiros dizem ser católicos; 19%, evangélicos pentecostais; 9%, evangélicos não pentecostais; e 3%, espiritas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013). De acordo com os dados do IBGE do censo de 2010, a Igreja católica teve uma redução de 12,2% ao mesmo tempo em que houve uma expansão das correntes evangélicas. Contudo, o fato é que o povo brasileiro continua tendo uma vida religiosa, sendo ela especialmente cristã. É, portanto, inegável a interferência da religião no processo educacional brasileiro. Cavaliere (2006) e Valente (2015) ao estudarem os professores e Knoblauch (2014) ao investigar os alunos da pedagogia demonstram que os profissionais que atuam na educação admitem e legitimam os valores religiosos dentro da escola.

Setton e Valente (2016) ao fazer uma análise dos artigos, que se localizam entre 2003 e 2013, que estabelecem a relação entre a religião e a educação, destacam que por mais que as religiões tradicionais tenham perdido espaço nos últimos anos, o nosso país ainda continua sendo fortemente religioso. Frente a isso as autoras destacam a importância de se “investigar as formas que essas relações assumem nas maneiras de ser, agir e pensar da população” (p.412). Transitando entre esses elementos e detendo-se principalmente no último este texto tem como objetivo: *investigar, a partir da concepção dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio, a influência da religião no processo de ensino e aprendizagem de Biologia.*

Aspectos Metodológicos

Essa pesquisa foi realizada em três escolas públicas localizadas na cidade de Palmeira/PR, denominadas de escola A, B e C. A coleta de dados foi realizada mediante a aplicação de questionário para 79 alunos regularmente matriculados no terceiro ano do ensino médio, sendo uma turma de cada escola.
O questionário foi aplicado durante aulas cedidas pelos professores. Antes da aplicação foi feita uma breve explicação para os alunos da pesquisa, dos seus objetivos, bem como das questões éticas que envolvem o anonimato. Importante ressaltar que foram utilizados somente os questionários que tiverem a autorização por escrito dos alunos.
Após a aplicação do questionário elaborou-se um banco de dados no Excel. A análise das questões fechadas foi feita mediante análise de frequência e porcentagem e a análise das questões abertas utilizando-se os pressupostos da análise de conteúdo (BARDIN, 2004). O interesse em utilizarmos essa metodologia de análise não está apenas na descrição das informações, mas no entendimento delas, a fim de realizar inferências sobre a influência da religião no ensino de biologia.

Resultados e Discussão

A partir da análise dos dados foi possível evidenciar que a escola A teve 31 alunos participantes, a escola B 26 e a escola C 22. Ao analisar a variável sexo nota-se que 50 alunos são do sexo feminino e 29 do sexo masculino, há, portanto, uma prevalência do sexo feminino em relação ao masculino. No que se refere à faixa etária 94% dos alunos participantes têm entre 16 e 18 anos.
Frente à religião 86% dos alunos declararam ter crença religiosa. A religião católica foi a mais frequente (N=38), seguida da evangélica (N=13). Teve-se ainda 4 alunos que se declararam pertencentes ao espiritismo, 2 protestantes e 7 que disseram pertencer a outras religiões como adventistas, cristãos, etc. Quando questionados se frequentam a igreja regularmente 39 alunos responderam que sim e 39 responderam que não.
Em relação a reprovação 17 alunos disseram já ter reprovado e 62 disseram nunca ter reprovado. No que se refere ao hábito de estudo 49 alunos afirmaram estudar em casa e 30 disseram não ter hábitos de estudo fora da escola. Quanto ao material utilizado para o estudo verificou-se que os alunos citaram em ordem decrescente a internet (43,04%), o livro didático (20,25%) e o caderno (12,66%). Esse dado mostra os reflexos tecnologia na escola, a qual, diga-se de passagem, por vezes é negada pela maioria dos professores. Já no que se refere à autoavaliação, 44 alunos disseram que são bons alunos, 23 afirmaram ser razoáveis, 9 se auto avaliaram como muito bons e apenas 3 disseram ser ruins, apesar destes nunca terem sido reprovados.
Quando questionados se já tiveram a disciplina de ensino religioso, mais de 90% dos alunos disseram sim, apenas 7% dos alunos disseram que nunca tiveram essa disciplina, os quais podem ter respondido negativamente por terem vindo transferidos de outra instituição que não comtemplava em seu currículo o ensino religioso. Quando questionados se em suas escolas há tolerância e respeito frente as diferentes religiões, 77% dos alunos disseram que sim e 17% dos alunos disseram que não, 4 alunos não responderam a esta questão. Quando questionamos se nas escolas em que estudam há momentos de orações, leituras ou

atividades religiosas, 41% dos alunos responderam que sim e 58% disseram que não. Há uma diferença significativa em relação a presença desses momentos entre as três escolas investigadas, uma vez 70,96% dos alunos da escola A responderam que há momentos religiosos enquanto na escola B 61,53% disseram não haver esses momentos em sua escola. Por fim, na escola C houve apenas uma resposta positiva, ou seja, praticamente todos os alunos afirmam que não há momentos religiosos em sua escola. Frente a isso, pode-se perceber que cada escola adota uma metodologia distinta no que se refere a presença da religião. Em outras palavras não se segue um padrão quando se trata do ensino religioso nas escolas públicas.

Quando perguntamos se na opinião dos alunos a religião pode influenciar no processo de ensino e aprendizagem de biologia 47 alunos responderam que não e 30 responderam que sim. A partir da análise das justificativas que os alunos deram a essa questão foi possível elencar 3 categorias diferentes: 1) na primeira os alunos respondem que a religião e a biologia andam lado a lado e se influenciam mutuamente; 2) na segunda aparece o fato da religião do professor influenciar no ensino e na aprendizagem em sala, e, 3) na terceira categoria, a mais ampla, concentrando 29 justificativas, os alunos expressam que há um confronto entre biologia e religião. Esta categoria pode ser subdividida em 3 subcategorias: 1) a religião influencia na biologia; 2) a biologia atrapalha a religião, e, 3) as duas se influenciam de modo neutro.

Na questão número 14 quando perguntamos se houve algum tema ou conteúdo abordado em biologia que os deixou em dúvida ou os fez questionar entre o que aprenderam na disciplina e na religião, 68% dos alunos responderam que não e 31% responderam que sim. Estes apontaram em ordem decrescente para os conteúdos relacionados a criação do universo, a origem da vida, a evolução da espécie humana e dos seres vivos e ainda temas ligados a biotecnologia e a genética.

Na questão número 15 quando perguntamos se eles se sentem “culpados” ou “incomodados” quando aprendem algo em Biologia que não está de acordo com a sua religião, alguns alunos ao responderem que sim, justificaram que essa sensação se deve ao não saber qual das duas explicações de fato ocorreu ou ainda porque tentam diferenciar os dois pontos de vista. A partir deste dado pode-se verificar que os alunos, por vezes, demonstram ter certa dificuldade em distinguir e compreender a diferença entre os conhecimentos da religião e os conhecimentos científicos.

Por fim, na questão 16 quando perguntamos aos alunos como eles gostariam que a religião fosse abordada em sua escola verificamos a formação de 3 categorias: 1) há os que se dizem favoráveis ao ensino religioso e as abordagens religiosas na escola; 2) há os que pedem mais respeito e igualdade ao tratar da religião na escola e ainda, 3) há os que são desfavoráveis à abordagem religiosa no âmbito escolar.

Conclusões

Na medida em que se aproxima da finalização deste texto destaca-se a importância do professor de ciências e biologia fazer uma distinção clara entre os conhecimentos científicos e religiosos durante as suas aulas, visto que religião é baseada na fé do indivíduo e a ciência é baseada em métodos e provas cientificas. A primeira está centrada na busca da verdade para explicação de um fenômeno, enquanto a segunda usa o conhecimento como meio e não como fim, é um processo de reflexão sobre o nosso próprio existir no mundo e sobre o próprio processo de conhecimento

(CASCAIS, 2011). Portanto, o que as diferencia é a forma de conceber o conhecimento. Nesse sentido, considera-se que as concepções dos alunos se constituem num campo fértil, que pode ser ainda mais explorado em trabalhos relacionados ao ensino religioso, pois poucas são as investigações voltadas às concepções dos alunos. Entende-se, ainda, que as contribuições trazidas ao longo do texto podem suscitar reflexões e discussões nas escolas, pois, para que, de fato, haja melhoria na qualidade do processo de ensino e aprendizagem de ciências e biologia é preciso repensar o currículo, bem como a prática didática-pedagógica que sendo desenvolvida nas escolas. O ideal é que tanto professor quanto aluno saibam que sua postura deve ser "dialógica, aberta, curiosa e indagadora" (FREIRE, 1996, p. 86). No entanto, esse diálogo não pode desconsiderar as concepções dos alunos sobre temas controversos na educação, como por exemplo, a religião.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70. 2004.

CASCAIS, M. das G. A.; GHEDIN, E.; FACHÍN-TERÁN, A. O Significado da questão do conhecimento para a alfabetização científica. In: ENPEC ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 8., 2011. Campinas. **Anais**... Campinas: Universidade de Campinas, 2011.

CAVALIERE, A. M. Quando o Estado pede socorro à religião. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/ article/view/1503>. Acesso em: 20 mar. 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Fatia de católicos no Brasil é a menor em duas décadas**. Edição especial, 22 de julho de 2013**.** Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/07/1314857-fatia-de-catolicos-e-a-menor-em-duas-decadas.shtml> Acesso em 06 abr. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm>. Acesso em: 21 mar. 2017.

KNOBLAUCH, A Relações entre religião, gosto por criança e mudança social: a escolha por pedagogia. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2014. Porto. **Anais**... Porto: Universidade do Porto, 2014.

SETTON, M. da G.; VALENTE, G. Religião e educação no Brasil: uma leitura em periódicos (2003-2013). **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n.160, p.410-440, abr./jun. 2016.

VALENTE, G. **A presença da religiosidade na prática docente**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.